

O desenvolvimento e o empresariado em Veblen

Amalia Maria Goldberg Godoy/UEM

RESUMO

O presente artigo tem o propósito de compreender o desenvolvimento e o papel do empresário na mudança social e tecnológica, segundo o velho institucionalismo. Para isso, toma-se como referência de análise a interpretação de Veblen sobre instituições, mudança institucional e o papel da indústria e dos empresários. Conclui-se que a principal mensagem de Veblen é a crítica ao determinismo histórico decorrente das adoções tecnológicas, quer dizer, ao pressuposto do avanço social e econômico decorrente do incremento do investimento em capital tecnológico. Salienta-se também a grande ênfase do estudioso de que os poderes constituídos podem facilitar ou dificultar o desenvolvimento conforme o nível de ameaça ao seu status social.

Palavras-chave: Velho Institucionalismo, Veblen, Desenvolvimento, Tecnologia.

1 INTRODUÇÃO

A maior parte dos trabalhos sobre Veblen consiste em sua interpretação sobre o surgimento da classe ociosa concomitante à consolidação dos princípios da propriedade privada. Decorrente disso, o conceito de instituições, enquanto hábitos, costumes e instintos, torna-se o ponto central. Esse artigo tem como objetivo resgatar o tratamento de Veblen sobre o progresso econômico e tecnológico e sobre o papel das instituições herdadas, conseqüentemente, das resistências que operam no desenvolvimento de um país.

Para isso, além dessa introdução, no item um apresenta-se um panorama dos principais conceitos veblenianos, tais como instituições, hábitos, instintos e emulação. No item dois trata-se do esquema de vida social e o desenvolvimento. O item três refere-se, de modo mais profundo, à mudança institucional e a consolidação da classe industrial. Por último, as conclusões.

2 A VELHA ECONOMIA INSTITUCIONAL: INSTITUIÇÕES E EMULAÇÃO

Há um relativo consenso de que a Velha Economia Institucional, também conhecida como velho institucionalismo ou Economia Institucionalista Original, surge com Thorstein Bunde Veblen (1859-1929) seguido por John Rogers Commons¹ (1862-1945), Clarence Edwin Ayres² (1891-1972) e Wesley Clair Mitchell³ (1874-1948). A escola surge em ambiente de consolidação das grandes corporações empresariais, industriais e financeiras, e foi dominante nas escolas de economia norte-americanas, depois da I Guerra Mundial. Atualmente, foi impulsionada pelo *Journal of Economic Issues*, de responsabilidade da *Association for Evolutionary Economics* (AFFE) e tem contribuições de estudiosos famosos como John Kenneth Galbraith (1908-2006) e Geoffrey M. Hodgson (1946-).

O Velho Institucionalismo critica a visão de que agentes racionais agem em mercados, considerados a priori, impessoais e neutros, de maneira a alocar recursos escassos entre fins alternativos para obterem a maximização da utilidade, lucratividade ou bem-estar (individual ou social). Defendem a presença mínima do Estado e que é necessário levar em conta, nas análises sobre economia, a esfera não-econômica, a qual abarca o ambiente social, político e cultural.

Segundo Hodgson (2001), Conceição (2002) e Cavalieri (2009), Veblen para desenvolver sua análise enquadra a teoria, dos fisiocratas aos marginalistas, como pré-darwinistas e argumenta que a

¹ Conhecido pelo desenvolvimento da análise de ação coletiva pelo Estado, aprofundou a visão de Veblen e escreveu, entre outros livros, *Institutional Economics* (1934)

² Desenvolveu as idéias de Veblen e aprofundou a questão da mudança tecnológica como uma relação intrínseca com as heranças sócio culturais institucionais. Escreveu *The Theory of economic progress* (1944), *The coordinates of institutionalism* (1951), entre outros

³ Aluno de Thorstein Veblen, escreveu "*Commons on Institutional Economics*", 1935, "*Thorstein Veblen*", 1936, em *What Veblen Taught*, entre outros

economia é parte de um todo em evolução, daí a escola também ser identificada como evolucionária. Nesse sentido, para a escola, a economia deixa de ser entendida enquanto a busca do equilíbrio estável e passa a ser analisada como um processo em constante evolução. Veblen (1899 [2000], p.200), afirmava que a *“La vida del hombre en sociedad, al igual que la vida de las demás especies animales, es una lucha por la existencia y, por ende, un proceso de adaptación selectiva. La evolución de la estructura social ha sido un proceso de selección natural de instituciones”*.

Ele critica a visão dos neoclássicos de que os empresários e a sociedade são movidos pelo lucro e consumo e argumenta que o motor é a emulação- a demonstração de seu status, enquanto honra e diferenciação, para os demais. Afirma: *“Se sostiene convencionalmente que el fin de la adquisición y acumulación es el consumo de los bienes acumulados ... Pero sólo cuando se toma en un sentido muy alejado de su significado ingenuo puede decirse que ese consumo de bienes ofrece el incentivo del que deriva invariablemente la acumulación. El móvil que hay en la raíz de la propiedad es la emulación”* (VEBLEN, [1899] 2000, P.25-26)

O livro mais comentado de Veblen, publicado em 1899, chamado de “A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições” apresenta a evolução da sociedade em estágios (selvageria pacífica, barbarismo, predatória e pecuniária), em que os hábitos predatórios e a instituição da classe ociosa (constituída pela realeza, nobreza, guerreiros e sacerdotes junto com seus séquitos) configuram o início da propriedade. Como ele comenta, *“En el proceso de la evolución cultural, la aparición de una clase ociosa coincide con el comienzo de la propiedad (como derecho convencional o pretensión considerada como equitativa). Es necesario que así ocurra porque ambas instituciones son resultado de la misma conjunción de fuerzas económicas”* (VEBLEN, 1899 [2000], p. 25).

No mesmo livro, ele discorda da visão de que as classes superiores utilizam seus excedentes, decorrentes do progresso tecnológico, para desenvolver a produção e a riqueza social e, para explicar isso, critica a visão dos neoclássicos e, para isso, sai da esfera da produção e recorre ao plano do homem social, com hábitos e costumes culturais que interferem nas decisões tomadas em vários níveis. Defende que os reais motivos que levam o indivíduo a ter propriedade (primeiro da mulher, depois de escravos e, por fim, bens materiais) é a emulação, quer dizer, o seu engrandecimento comparativamente ao da sociedade ou, como Veblen conceitua uma demonstração de seu maior valor comparativamente a seus pares: *“emulación es la comparación valorativa”* (VEBLEN, 1899 [2000], p. 116). Ele argumenta que a emulação, depois da autopreservação, provavelmente, é a mais forte das motivações econômicas.

Segundo Cavalieri (2009, p.16), a emulação seria o hábito humano do desejo de estima social, de comparar-se ao demais membros da sociedade em termos valorativos e que teria aparecido como uma consequência do instinto do trabalho eficaz (*instinct of workmanship*), ou seja, os indivíduos mais produtivos, em decorrência do gosto pelo trabalho útil, pela eficiência, passam a receber a aprovação dos outros membros da sociedade. O instinto do trabalho eficaz funciona como força emulativa de força.

O homem, como ser social, é movido por instintos e hábitos e está sujeito a regras culturais geradoras do esquema de vida, o qual compreende a emulação, o reconhecimento social, a reputação, entre outros.

Comenta que a propriedade, reconhecida socialmente como grau de riqueza do indivíduo, constitui um hábito social, inerente ao comportamento competitivo e consumista. Conseqüentemente, o auto-interesse é analisado de maneira diversa na medida em que não se relaciona com a produção e sim com a ostentação. Defende que a posse e manutenção de escravos e empregados na produção de bens demonstram a riqueza do senhor e que a manutenção de criados, que nada produzem (personificação do ócio vicário), espelha ainda maior riqueza e posição. A ostentação, por sua vez, que possui o reconhecimento social, faz parte dos hábitos, ou seja, do consenso social *“La posesión de riqueza, que en principio era valorada simplemente como prueba de eficiencia, se convierte, en el sentir popular, en cosa meritoria en sí misma. La riqueza es ahora intrínsecamente honorable y honra su poseedor”* (idem, 1899 [2000], p.32)

Considera que as instituições são hábitos de pensamento resultantes do ambiente tecnológico, político, social, cultural, religioso e dos instintos⁴. Os instintos, tais como, *instinct of workmanship*⁵, *parental bent*⁶ e *idle curiosity*⁷ levam os homens a decidirem de maneira “automática”, sem maiores reflexões.

A formação das instituições, portanto, é um processo de seleção natural. O autor explica que, sob um determinado ambiente ou pressão, inesperados, os instintos definem as ações e, via erros e acertos, sob futuras pressões semelhantes, os homens transformam a resposta em ação habitual, uma rotina. Este hábito de pensar e agir evolui a tal ponto que, em vez de uma ação instintiva e pelo fato de se obter quase sempre os mesmos resultados, passa a ser sancionada socialmente e interiorizada como um método especial de vida, quer dizer, pelo uso passam a fazer parte do senso comum.

“O desenvolvimento da cultura é uma seqüência cumulativa de habituação e suas formas e meios são as respostas habituais da natureza humana a exigências que variam de forma incontinente e cumulativa, mas com algo de consistente na seqüência de variações cumulativas que ocorrem – de forma incontinente, porque cada novo movimento cria uma nova situação que induz a mais uma variação na maneira habitual de resposta; de forma cumulativa, porque cada nova situação é uma variação do que aconteceu antes dela e incorpora como fatores causais tudo o que foi afetado pelo que aconteceu antes; e de forma consistente, pois os traços subjacentes da natureza humana (propensões, aptidões e coisas desse tipo) por força dos quais ocorre a resposta, e com base nos quais a habituação é efetuada, permanecem substancialmente inalterados (VEBLEN, 1909, p.7)..

Os hábitos mais persistentes, os padronizados e eficazes, são considerados como instituições. Instituições, portanto, resultam de processos rotinizados de pensamento, que são compartilhados por um grupo de pessoas numa dada sociedade, em um determinado tempo.

As instituições selecionadas, portanto, formam os hábitos de pensamento vigentes em determinado espaço e período de tempo, em uma sociedade. Elas, por decorrência, definem a estrutura social, as relações estabelecidas no mercado e na sociedade, que passam a representar o esquema de vida, discutido a seguir.

3 ESQUEMA DE VIDA E DESENVOLVIMENTO

As instituições selecionadas Veblen denomina de esquema de vida aceito pelo grupo. O esquema de vida consiste em um conjunto de instituições em vigor, em um momento ou em um ponto determinado de desenvolvimento de qualquer sociedade. “*puede caracterizarse, en términos generales, desde el punto de vista psicológico, como una actitud de espíritu o teoría de la vida predominante*” (VEBLEN, 1899, [2000], p. 214)

Consequentemente, este representa a cultura, composta pelo conjunto de técnicas, a forma correta de fazer as coisas, a moral, o direito e o que se caracteriza como consenso de opiniões sobre o que é justo, bom, belo e conveniente na vida humana. O esquema de vida, por sua vez, influencia a seleção das instituições futuras. “*La situación de hoy modela las instituciones de mañana mediante un proceso coactivo de selección, que actúa sobre la concepción habitual que los hombres tienen de las cosas y altera o refuerza con ello un punto de vista o una actitud mental transmitida por el pasado*” (VEBLEN, 1899 [2000], p. 203).

⁴ A noção de instinto de Veblen é bastante complexa. Para se ter uma idéia, ele dedica, para a sua conceituação, quase 40 páginas da introdução do livro “*The instinct of workmanship*, escrito em 1914 e o restante do livro para expor as suas consequências na evolução humana. Portanto, muito resumidamente e não dando conta da complexidade, pode-se dizer que instintos seriam as ações adaptativas que visam atender a um fim perseguido. “*The distinctive feature by the mark of which any given instinct is identified is to be found in the particular character of the purpose to which it drives. "Instinct," as contra-distinguished from tropismatic action, involves consciousness and adaptation to an end aimed at*” (VEBLEN, 1914, p. 4). Ainda “*The instincts are hereditary traits*” (idem, ibidem, p.13).

⁵ Instinto do trabalho eficaz – fundamental para a sobrevivência do indivíduo, em que os mais dotados sobrevivem no processo de seleção natural.

⁶ Inclinação paternal - instinto que compreende a sobrevivência da espécie, do grupo.

⁷ Curiosidade desinteressada – propensão humana que leva o homem a descobrir (o mundo, seus meios de produção) sem maiores motivações.

Longe de essas instituições representarem um ponto de equilíbrio, elas contêm elementos que impulsionam ou criam condições para a sua modificação. Nesse contexto, mais uma vez, Veblen crítica os neoclássicos e clássicos afirmando que as instituições humanas não possuem estabilidade. “... *este proceso de adaptación selectiva no puede alcanzar nunca a la situación progresivamente cambiante en que se encuentra la comunidad en cualquier momento dado, ya que el medio, la situación, las exigencias de la vida que imponen la adaptación y realizan la selección, cambian de día en día*”. (idem, 2000, p.203)

As instituições são dinâmicas, quer dizer, ao mesmo tempo em que atuam/influenciam na forma que o homem interpreta seu cotidiano, elas não se adaptam totalmente ao cotidiano e, devido a isso, criam as condições para a sua alteração.

O esquema de vida predominante, selecionado (consensual), o novo método de enfrentar o ambiente (social ou empresarial) se, por um lado, pode facilitar a vida do grupo como um todo, por outro lado, pode criar dificuldades para alguns membros desse grupo. O autor comenta que os avanços tecnológicos e os aumentos populacionais exigem mudanças de hábitos de vida e, por decorrência, alguns membros da comunidade não continuam a reproduzir os hábitos herdados de vida. “*Las nuevas condiciones pueden aumentar la facilidad de la vida del grupo en su conjunto, pero la redistribución producirá, por lo común, una disminución de la facilidad o la plenitud de la vida de algunos miembros del grupo*”.(VEBLEN, 1899, [2000], p.207).

O caráter dinâmico do desenvolvimento, portanto, ocorre pela mudança de mentalidade de toda a sociedade e não de parte dela, ou seja, pela intolerância aos velhos hábitos e o surgimento de novos processos adaptativos. “*La evolución de la sociedad es sustancialmente un proceso de adaptación mental de los individuos, bajo la presión de las circunstancias, que no toleran por más tiempo hábitos mentales formados en el pasado, bajo un conjunto de circunstancias diferentes y que concuerdan con éstas*” (VEBLEN, 1899, [2000], p.204)

Consequentemente, as mudanças em direção ao progresso (entendido como direção contrária à situação arcaica) é mais difícil do que o retrocesso (quer dizer, a volta ao ponto em que a população está habituada).

Com relação às classes endinheiradas, o conservadorismo é a característica da classe ociosa, que por sua posição privilegiada e por não precisar lutar pelos meios de vida relativamente às demais classes não só respondem menos ao desenvolvimento das instituições como ainda tentam atrasar o progresso, ou seja, atrasar a inovação e o desenvolvimento da estrutura social.

“La clase ociosa es la clase conservadora. No se les exige que cambien sus hábitos de vida y sus concepciones teóricas del mundo externo para adaptarse a las demandas de una nueva técnica industrial sob pena de perder sus propiedades [...]. La función de la clase ociosa en la evolución social consiste en retrasar el movimiento y en conservar lo anticuado (VEBLEN, 1899, [2000], p. 210-211)

Como comentam Cardoso e Lima (2006), a liberdade e a facilidade de ajustamento dependem, em grande extensão, do grau de exposição dos indivíduos às forças constrangedoras do ambiente. Se qualquer parcela da sociedade está protegida contra essa ação ambiental, estará presente uma tendência retardatária do processo de transformação social, como é a situação da classe ociosa abastada, constituindo, portanto, a classe conservadora. Seu papel consiste em retardar o movimento de transformação e conservar o que é obsoleto.

O comportamento da classe ociosa não se dá devido aos ricos terem interesse em manter o *status quo* e sim pelo instinto, quer dizer, pelo modo de vida aceito de fazer as coisas (mais fácil). Soma-se a isso que há um consenso social de que a inovação industrial, identificada com a classe inferior, é considerada vulgar enquanto o conservadorismo é decente (identificado com a classe superior, que todos sancionam como ideal).

La oposición de la clase ociosa a los cambios en el esquema cultural es instintiva y no se basta primordialmente en un cálculo interesado de las ventajas materiales; es una revulsión instintiva ante cualquier apartamiento del modo aceptado de hacer o considerarlas cosas [...] Los miembros de la clase adinerada no ceden a la demanda de innovación con la misma facilidad que otros hombres, porque no se ven obligados a hacerlo así [...]. El conservadorismo es decoroso porque es una característica de la clase superior y, por el contrario, la innovación como lo es de la clase inferior, es vulgar (VEBLEN, 1899, [2000], p.211-212).

Qualquer mudança implica, portanto, em perturbação da relativa ordem institucional existente. Quando ocorre uma mudança em um ponto pouco importante, ela pode ser imperceptível ou de menor alcance, mas quando é de maior magnitude (ou de primeira ordem) provoca perturbação séria em todo o esquema de vida e o reajuste incomoda e é doloroso.

Exemplos dessas mudanças radicais, muito fortes, são “*supresión de la familia monogámica o el sistema agnaticio de parentesco, la propiedad privada o la fe teísta, en cualquier país perteneciente a la civilización occidental; o suponer lo que sería la supresión del culto de los antepasados en China, del sistema de castas en la India, de la esclavitud en África o el establecimiento de la igualdad de los sexos en los países mahometanos*” (VEBLEN, 1899, [2000], p. 214).

Essas inovações (sociais ou industriais) provocam alterações substanciais nos hábitos mentais dos homens. Conseqüentemente, a ocorrência de uma inovação não leva automaticamente à sua adoção e a aversão dos homens a essas inovações equivale a repudiar um esquema de vida totalmente estranho ao esquema existente. “*La aversión al cambio es, en gran parte, aversión a la molestia que implica el reajuste exigido por cualquier cambio y esta solidaridad del sistema de instituciones de cualquier cultura o pueblo determinados robustece la resistencia instintiva que encuentra todo cambio en los hábitos mentales de los hombres, aun en cuestiones que, en sí mismas consideradas, son de menor importancia*” (VEBLEN, 1899, [2000], p.216)

Nesse esquema de vida, a classe ociosa age no sentido de manter as classes inferiores com atitudes conservadoras, de diversas formas: a) as pobres ou desesperadamente pobres gastam energia para se adaptarem às novas obrigações existentes com as inovações, quer dizer, um gasto energético muito maior do que o empregado com os hábitos existentes. O progresso, nesse contexto, é dificultado pelo excesso de trabalho físico, má alimentação e tudo que é necessário para a luta cotidiana pela subsistência. A classe ociosa ao privá-los dos meios de subsistência, reduzem seu consumo e energia até o ponto em que se tornam incapazes de fazerem esforços para aprenderem e adotarem novos hábitos mentais; b) as classes que possuem posição pecuniária acima da de subsistência, por sua vez, em vez de melhorarem sua comodidade física e plena de vida destinam o mínimo necessário de seus recursos para a subsistência e o restante destinam ao consumo ostentatório (considerado decente, honroso) ou acumulação ostensiva⁸.

A relação da classe ociosa com o processo econômico é uma relação pecuniária – relação de aquisição, não de produção; de exploração, não de utilidade, como comentam Cardoso e Lima (2006)

Portanto, dois elementos interessantes decorrem dessa análise: primeiro, uma crítica ostensiva à visão neoclássica de que cada fator produtivo é remunerado conforme a sua participação no produto; segundo, o resultante consumo desigual dos recursos não gera conflitos, pois, as classes pobres com recursos excedentes, ou seja, acima do mínimo necessário para a subsistência, por não terem grandes diferenças nos temperamentos, tentam reproduzir o consumo das classes superiores ou copiarem os valores da classe mais rica (instinto emulativo de posse e consumo) e, com isso, ocorre sensível diminuição da percepção dessas classes quanto a sua condição de explorada⁹. “*Aparte de toda censura y de toda cuestión acerca del carácter indispensable de tal freno a la innovación exagerada, la clase ociosa, por la naturaleza misma de las cosas, actúa siempre en el sentido de retardar ese ajuste al medio al que se denomina avance o desarrollo social*” (VEBLEN, 2000, p.220)

Existe uma dinâmica no desenvolvimento vebleniano, que também sofre uma seleção natural. Na medida em que as instituições, os hábitos mentais prevaletentes, consolidam a égide da classe ociosa, esta tem a atitude de que o que é (existe) está certo (no sentido de que as instituições são compatíveis com a realidade), enquanto que a lei de seleção natural resulta no axioma de que o que é (existe) está

⁸ “*la institución de una clase ociosa, al imponer un esquema de decoro pecuniario y al privar a las clases inferiores de todo lo que es posible privarlas en lo que respecta a medios de vida, actúa indirectamente en el sentido de conservaren la masa de la población los rasgos pecuniarios. El resultado es una asimilación de las clases inferiores al tipo de naturaleza humana que, en principio, corresponde únicamente a las clases superiores*” (VEBLEN, 1899, [2000], p. 258). É o que se denomina de “trickle-down effect”

⁹ A falta de perspectiva de ascensão social, por sua vez, pode, mas não necessariamente ocorre, levar a uma insatisfação, uma revolta social.

mal/errado (existem incompatibilidades com o real processo evolutivo), pois, o desenvolvimento (o processo evolucionário) é resultado de um ajuste mais ou menos inadequado (parcialmente compatível) dos métodos de vida à situação que prevaleceu em algum momento do desenvolvimento anterior.

“La actitud característica de la clase puede resumirse en la máxima «todo lo que existe está bien»; en tanto que la ley de selección natural, aplicada a las instituciones humanas, nos da el axioma «todo lo que existe está mal». [as instituições] son, siempre y por la naturaleza misma de las cosas, malas en cierta medida. Son resultado de un ajuste más o menos inadecuado de los métodos de vida a una situación que prevaleció en algún momento del desarrollo anterior; y son, por ende, malas por algo más que por el mero hecho del intervalo que separa la, situación actual de la pasada” (VEBLEN, 1899, [2000], p. 220).

Refutando a análise do desenvolvimento como o alcance do Ótimo de Pareto, Veblen admite que apesar do conservadorismo dos procedimentos antigos (ou a resistência à adoção de hábitos mentais diferentes dos existentes), as instituições mudam e se desenvolvem. As instituições sempre mudam, pois, as circunstâncias mudam (inclusive quando há variação populacional) e, por conseqüência, muda o método habitual de responder aos estímulos (seleção adaptativa das instituições), pois, as circunstâncias se modificam sempre. *“El desarrollo de esas instituciones es el desarrollo de la sociedad”* (idem, 1899, [2000], p.202). *“Pero, pese a todo lo dicho acerca de la conservación de los procedimientos antiguos, sigue siendo cierto que las instituciones cambian y se desarrollan. Hay un desarrollo acumulativo de costumbres y hábitos mentales y una adaptación selectiva de convenciones y métodos de vida”* (idem, ibidem, p. 221).

Nesse contexto, a classe ociosa além de ter um papel tanto no impulso e retardamento também influenciam as instituições industriais. Estas instituições econômicas dividem-se em duas categorias, ou seja, em produtivas (instituições industriais que servem ao interesses econômicos não valorativos- não *invidious*) e instituições aquisitivas (instituições pecuniárias que servem aos interesses valorativos, aos negócios- *invidious*). A riqueza, como discutida, confere honra, uma distinção discriminatória (*invidious*).

O instinto se manifesta pelo embate das forças *invidious* e não *invidious* que, através da seleção natural impulsionam e tornam normais as relações de competição e exploração. São duas forças antagônicas, que se originam e impulsionam o processo de mudança cumulativa no capitalismo. As instituições, pelas forças antagônicas das exigências pecuniárias e econômicas e, conseqüentemente, conformam um novo esquema de vida.

Na instituição *invidious* (pecuniária/negócios) as motivações existentes são a aquisição, lucro, dinheiro, o proprietário absentéista, a propriedade privada, que se identificam com o instinto predatório (altamente consumista) de dominação enquanto na instituição produtiva (industrial/não valorativa) ocorrem motivações como construção, produção e cooperação (onde se encontram o engenheiro, o técnico e o trabalhador).

A classe ociosa, de ócio e consumo conspícuos (exibicionistas), da emulação pecuniária e exploração da classe que trabalha, está na instituição pecuniária e é aceita socialmente como decente ou honrosa. A instituição produtiva- industrial, nos primórdios do capitalismo, é qualificada como atividade inferior, indigna e sem valor social porque é rotineira e não exige nenhuma proeza, a qual é identificada com a classe ociosa¹⁰.

De acordo com Foster e Ranson (1987 apud CARDOSO e LIMA, 2006), o fundamental na abordagem de Veblen é a distinção entre dois tipos de comportamento humano, um dito comportamento tecnológico, industrial ou instrumental, e o outro definido como cerimonioso, pecuniário ou de negócios, sendo que o último predomina sobre o primeiro no processo produtivo.

Com tal distinção, Veblen analisa o papel do consumo na ordem social e na evolução do desenvolvimento. O consumo da classe ociosa é impulsionador do progresso econômico, que, assim como ocorre no nível social, contém anacronismos nos hábitos mentais consensuais. Conseqüentemente, diferente da vertente neoclássica, ele afirma que a classe ociosa com o consumo conspícuo comunica o seu *status* aos seus pares e às demais classes, que tentam reproduzi-lo.

¹⁰ Com a expansão do capitalismo, passa a ser valorizada socialmente. A propriedade, no pacifismo pecuniário, passa a ser interiorizado, aceito socialmente, como sucesso pecuniário.

As instituições pecuniárias, por terem se desenvolvido no passado, não se adequam totalmente à nova situação, pois, a nova indústria, através das inovações, impõe novos métodos de relacionamento e de compra e venda. Nesse contexto, conforme Cardoso e Lima (2006), o comportamento tecnológico, industrial ou instrumental é o tipo necessário à sobrevivência humana e é dinâmico e progressivo, porque muda conforme o estoque de conhecimento científico e tecnológico avança. Por sua vez, o comportamento cerimonioso, pecuniário ou de negócios caracteriza-se por elementos de poder ou controle sobre os outros indivíduos e, contrariamente ao primeiro, é inerentemente estático e regressivo, pois aqueles que possuem um alto *status* procuram manter seus privilégios.

Diante disso, as classes pecuniárias adaptam as instituições pecuniárias, pois, desejam manter o poder (entendido como habilidade de trabalhar as idéias). Como decorrência, elas consolidam os ganhos privados e a continuidade do processo industrial e, ao fazê-lo, passa a haver o reconhecimento do lucro como fator social diferenciador. Por outro lado, o comportamento da classe ociosa serve como guia seletivo. “*De ahí que en la dirección que imprime la clase ociosa al desarrollo institucional haya una tendencia más o menos firme, que responde a los fines pecuniarios que modelan la vida económica de la clase ociosa*” (VEBLEN, 1899, [2000], p.223).

Os efeitos do interesse pecuniário e hábitos mentais pecuniários sobre o desenvolvimento das instituições são observados nas leis e convenções para proteger a propriedade privada, o cumprimento dos contratos, a facilidade das transações pecuniárias, as relações patrão empregados, as quais servem, primeiramente, à classe ociosa e indiretamente e com a maior importância afetam o processo industrial e a comunidade. A sociedade pecuniária, apegada aos valores pacíficos se revela nos hábitos de pensamento jurídicos garantidores da propriedade enraizados, cada vez mais enraizados.

Nesse contexto, ao mesmo tempo, que a classe ociosa impulsiona o desenvolvimento através do consumo conspicuo, ela tem um comportamento conservador e limitador dessa expansão, na medida em que tem todo o interesse em manter as instituições, seus hábitos mentais, seu *status* (prestígio atribuído por outros).

Os hábitos, de um lado, são fruto e impulsionam o desenvolvimento e, por outro lado, esses mesmos hábitos trazem em seu bojo o caráter conservador que é sancionado socialmente de diversas formas: com o menor gasto de energia no ambiente vivido; a imitação dos hábitos das classes superiores pelas classes inferiores e, por último, o fato de a classe ociosa desejar manter o seu *status*.

O desenvolvimento ocorre com o consumo de bens que se identificam com o *status* de riqueza. O principal motivo para a posse de bens (e para as disputas em torno dela) não é consequência das necessidades de sobrevivência, mas sim da emulação. O consumo da classe ociosa é um motor que engendra um ambiente competitivo, no qual as classes inferiores procuram seguir os padrões de consumo da classe ociosa, na medida em que este socialmente é considerado honroso. O trabalho considerado como atividade inferior é explorado pela classe ociosa e que permite a ela viver ociosamente.

Pode-se apontar, portanto, na evolução social e econômica, que a classe ociosa ao mesmo tempo em que impulsiona o progresso tem o papel tanto de conservar o que é antigo, ultrapassado ou obsoleto de maneira a criar barreiras e retardar o desenvolvimento. A respeitabilidade, o aceite social dos indivíduos ocorre através do consumo ilimitado de bens, cada vez mais diferenciados, no que se refere a ostentação de classe (bens de luxo como expressão do *status*).

À medida que a riqueza e a propriedade passam a ser hábito de pensamento (uma instituição), a emulação age intensamente. O indivíduo normal viverá em insatisfação crônica com seu atual cotidiano; e, quando ele tiver alcançado o padrão pecuniário normal da comunidade ocorrerá nova insatisfação crônica e, assim por diante, havendo uma tensão infatigável em colocar uma diferença pecuniária, cada vez maior, entre ele próprio e o padrão médio. Como afirma Veblen, o desejo por riqueza não pode ser satisfeito em qualquer instância individual e evidentemente está fora de questão saciar o desejo médio ou geral pela riqueza e isso tem um efeito enorme sobre o processo produtivo, ou seja, tem um papel central no fornecimento de bens para o consumo conspicuo.

Conseqüentemente, o que é justo, belo e bom varia quando o esquema de vida varia. As instituições são instáveis, pois, são respostas coletivas que determinam a conduta de vida, as quais contém o germe da mudança. Esse processo seletivo e adaptativo nem sempre conduz a a sociedade em

direção ao desenvolvimento. As instituições selecionadas pelo ambiente competitivo, ou seja, pelo confronto das forças *invidious* e não *invidious*, criam o ambiente propício à adoção de novas tecnologias e ao desenvolvimento ou ao subdesenvolvimento. Quer dizer, é um processo em que vencem as instituições mais aptas.

4 A MUDANÇA INSTITUCIONAL

O arcabouço teórico vebleniano também é identificado na análise do surgimento do capital industrial e a consolidação do capitalismo, particularmente, no artigo “Sobre la naturaleza del capital”, publicado em 1908, traduzido para o espanhol, em 2000. O estudioso deixa claro que a evolução, através da seleção natural, gerou o progresso e a estratificação social, a qual gerou também a competição entre os que possuem a riqueza, ou seja, entre a classe ociosa e o capital industrial. É uma competição pelo poder de direcionar os hábitos de pensamento da sociedade.

A mudança institucional, como foi assinalada, anteriormente, é um processo de seleção natural que resultam em hábitos mentais predominantes, ou seja, é um movimento em que vencem as instituições mais aptas. Nesse contexto, existe um caminho que a humanidade percorre no que se refere a posse/propriedade: ele passa, primeiramente, pela posse de animais e depois o poder se exerce com a posse de escravos, gado ou terra (idade feudal e início da era moderna). Somente, após percorrer esse caminho, a propriedade dos meios de produção passa a ter predomínio. Existe, portanto, um longo processo de formação dos hábitos que resulta no reconhecimento de que a propriedade privada é natural.

Para explicar o progresso, Veblen defende que existe um conhecimento social acumulado, em qualquer fase da evolução social. No entanto, esse conhecimento é apropriado por alguns, com o avanço do capitalismo. Comenta que o homem nunca viveu isolado e nem é auto-suficiente. Para enfrentar o cotidiano, ele produziu conhecimentos tecnológicos, entendidos como conhecimentos necessários utilizados para obtenção dos meios de vida (como o uso do fogo, objetos cortantes, ferramentas, veículos, uso da terra, etc.), os quais, junto com as habilidades e a disseminação das informações são fruto e posse da comunidade, transmitidos, potencializados e sustentados pelo grupo, muitas vezes, por gerações. Formam os bens intangíveis¹¹ de uma sociedade. (Veblen, 1908 [2000], p. 198) comenta: “*Esse acervo de conocimientos y prácticas tal vez se posea de manera informal y poco rígida, pero se mantiene como bem comum [...] en su capacidad colectiva ...y es transmitido y aumentado en y por el grupo ...no por los individuos ni por líneas de descendencia particulares*”

Na evolução, o saber fazer é transmitido por gerações, cada vez mais complexas, e esse conhecimento é sustentado pela comunidade, de tal forma que não é possível determinar o autor individual ou ser de propriedade de um só indivíduo.

Assim como as artes da indústria são sustentadas pela comunidade, a difusão dos conhecimentos também o é. Enquanto não ocorre a disseminação, quer dizer, a mudança de mentalidade, ocorrem resistências ao novo devido aos hábitos predominantes, os quais reforçam o estágio anterior de desenvolvimento econômico. Veblen (1908 [2000]) comenta que quando um indivíduo ou grupo social sai da comunidade para adquirir conhecimentos tecnológicos superiores e mais eficientes e volta para aplicá-los, ele encontra grandes dificuldades na reorientação do ambiente cultural existente. Nesse contexto, o avanço ocorrerá com o tempo e com a assimilação (quebra dos hábitos e costumes anteriores) da sociedade.

Enquanto os bens intangíveis da sociedade são de uso relativamente coletivo, a posse dos bens tangíveis (bens de capital - equipamentos materiais) muda de característica na transição para o capitalismo. Passam de insignificantes e escassos e podendo ser fabricado por aqueles que necessitam dele, no início do desenvolvimento tecnológico, para equipamentos maiores relativamente à capacidade de fabricação dos indivíduos e, por decorrência, sua posse coloca em desvantagem aqueles que não o possuem. A partir desse momento, os princípios da propriedade (enquanto hábitos de pensamento) ganham força, pois, os homens ao adquirir bens de capital precisam tomar medidas para mantê-los seguros (Veblen, 1908a, p. 202).

¹¹ Ele diferencia o capital tangível do intangível, no texto “The instinct of workmanship and the state of industrial arts”, escrito em 1908.

Consequentemente, o desenvolvimento da manufatura para o da máquina é resultado das novas instituições (pois, a adoção das máquinas é uma evolução institucional). Essa evolução traz conseqüências para o mundo dos negócios. A tecnologia adotada é fruto do conhecimento acumulado, direitos de propriedade desenvolvidos, hábitos de pensamento modificados, entre outros. Contudo, se até essa fase, o conhecimento era difundido socialmente, ou seja, era um elemento comum/socializado do progresso, quando surge a instituição da propriedade, na fase capitalista, ocorre a apropriação privada dos conhecimentos acumulados da sociedade (dos bens intangíveis da comunidade). Veblen (1899 [2000], p. 207) afirma: “*esta institución moderna del ‘capitalismo’ - la propiedad predominante del capital industrial tal como lo conocemos – es, por cierto, una innovación muy tardía ...hablar de la propiedad del equipo industrial (é falar de) una institución para monopolizar los bienes intangibles de la comunidad*”.

Quer dizer, a apropriação privada, por parte de alguns, do conhecimento coletivo permitiu uma mudança de mentalidade com relação aos ganhos derivados dessa apropriação bem como a evolução de sua aceitação social. A seleção tecnológica ocorre conforme proporcione vantagem estratégica para aumentar a eficiência da comunidade.

Essas mesmas instituições, por sua vez, delineiam a trajetória tecnológica da sociedade, que sofrem influência tanto do clima, topografia, flora, fauna, densidade populacional e similares quanto do crescimento dos direitos de propriedade e dos princípios (hábitos de pensamento) da propriedade privada.

No início do sistema industrial, um homem com iniciativa e vigor e quantidade módica de diligência podia acessar os conhecimentos comuns e utilizá-los. A competição ocorria em igualdade de condições de acesso aos mesmos. Era senso comum, inclusive, no século XVIII, que havia uma distribuição equitativa de oportunidades se se eliminavam todas as prerrogativas diferentes da propriedade privada. A atividade industrial na medida em que aumentava a complexidade do equipamento industrial usado e ultrapassava o que um homem sozinho podia fabricar resultou em dois movimentos complementares: a) o aumento da precariedade do pequeno produtor que passa a não ter condições de acompanhar a evolução tecnológica e a possuir equipamento obsoleto e b) a indústria, em grande escala, crescer e passar a dominar. Esses movimentos concretizam o capitalismo que, no aspecto tecnológico, tem como características que a industrialização dos produtos requer equipamento muito maior do que um indivíduo pode fazer com seu próprio trabalho e muito maior do que qualquer pessoa possa utilizar por si mesma (Veblen, [1908], 2000, p. 209).

Como comenta Cavalieri (2009), a era do grande capital industrial, das barreiras à entrada, ampliará não as oportunidades iguais, mas sim a oportunidade dos detentores de maiores quantidades de capital em utilizar o conhecimento coletivo.

O controle ou propriedade do bem de capital requer alguma acumulação de riqueza (exceto no caso da força, herança e fraude) que, para se obter necessita de alguma empresa de negócios. Quer dizer, o controle ou a propriedade é decorrente do próprio esforço. Nesse contexto, começa a existir a separação entre os que são proprietários dos equipamentos (é a burguesia, a classe comercial ligada aos negócios, às trocas e que precisa cada vez mais da paz para manter seus negócios, conforme CAVALIERI, 2009, p.344) daqueles que gerenciam e realizam a produção e, ao mesmo tempo, aparecem os hábitos de pensamento que sancionam a propriedade como um direito natural.

Nesse contexto, para Veblen, existem três classes convencionais: superior, média e inferior. A superior (aristocrática) é possuidora de riqueza, sem ter trabalhado ou negociado por ela; a classe média surge da exploração de algum tipo de negócio (comercial) enquanto a classe inferior tem seu rendimento baseado no seu trabalho eficaz¹². É uma gradação que vai da a) predação, b) comércio (negócios) e c) indústria. Sendo que a primeira não trabalha e tem dinheiro e mérito, a segunda lucra e a terceira é apta para o trabalho eficaz (*serviceable*), mas não tem reconhecimento¹³.

¹² O instinto de trabalho de eficaz funciona numa demonstração emulativa de força.

¹³ The three conventionally recognised classes, upper, middle, and lower, are all and several pecuniary categories; the upper being typically that (aristocratic) class which is possessed of wealth without having worked or bargained for it; while the middle class have come by their holdings through some form of

Nos dias em que Veblen escrevia, comenta Cavalieri (2006, p.289), os homens de negócios cuidavam da parte comercial, dos investimentos e detinham, portanto, saberes acerca do comércio e do mercado, mas não detinham o saber fazer/conhecimento da produção. O equipamento imaterial social estava sendo apropriado cada vez mais por agentes afastados da atividade produtiva propriamente dita. É a sociedade de caráter pecuniário e conclui: “A propriedade do equipamento material dá ao proprietário não somente o direito de uso sobre o equipamento imaterial da comunidade, mas também o direito de abuso e de negligência ou inibição”. Ainda comentam Cardoso e Lima (2006) que, em *The Theory of Business Enterprise*, de 1904, Veblen aponta que o homem de negócios se tornou uma força controladora na indústria, pois mediante o mecanismo do investimento e do mercado controlou as fábricas e os processos, sendo que estes estabelecem o ritmo e determinam a direção para o restante da economia.

Nos negócios da classe média emergente, alguns tipos de empresas são mais vantajosos em termos de riqueza do que outros. Por conseqüência começa a fazer parte dos hábitos do pensamento industrial, a ser senso comum, que a propriedade e a máquina condicionam o crescimento e os objetivos de ganhos dos negócios, o que, por sua vez, serve como elemento motor da expansão do capitalismo. Como decorrência, os interesses (especulativos) dos que gerenciam os negócios se diferenciam dos interesses da comunidade, o objetivo de lucratividade não conduz ao bem-estar coletivo. A acumulação de capital, em última análise, é a negociação entre os que possuem (ou controlam) a riqueza industrial – o capitalista empregador – e aqueles cujo trabalho aproveitam esta riqueza gerada – a classe trabalhadora.

As relações capital trabalho são relações de negociação entre os que possuem a propriedade dos equipamentos e dos negócios, contudo são ignorantes do conhecimento imaterial, habilidade tecnológica e organização do processo de trabalho com aqueles que possuem esses conhecimentos e habilidades para conseguir a eficiência. “*En manos de estos trabajadores – la comunidad industrial, los portadores del equipo tecnológico inmaterial – los bienes de capital poseidos por el capitalista se convierten en ‘medios de producción’* (VEBLEN, [1098], 2000, P. 211). Essa relação é tão forte que o trabalho do homem “suplementa o processo da máquina, ao invés de fazer uso dele.” (VEBLEN, [1914], p.307). O ritmo da produção passa a ser ditado pela máquina e não mais pelo homem. Com decorrência do aumento do ritmo e complexidade, a educação e o treinamento são maiores¹⁴.

Ele acentua que os investimentos podem ocorrer em bens úteis e inúteis (produtos falsificados, artefatos domésticos requintados, empresas de moda, entre outros). A eficiência não é, em si, útil ou inútil para a comunidade e sim um meio de eficiência para o bem ou para o mal; b) o uso empresarial dos equipamentos se orienta para a utilidade do possuidor e não da comunidade; c) sob o sistema de preços – sob o domínio de padrões de administração e manejo pecuniário – as circunstâncias podem fazer com que o homem de negócios maneje de forma equivocada o processo industrial.

Existe também a necessidade de coordenação realizada por engenheiros, supervisores, chefe do setor, enfim especialistas tecnológicos, que controlam e coordenam os processos produtivos para atender aos objetivos de lucro do capitalista.

Como se percebe existe uma coexistência pacífica, uma complementariedade positiva, nessa relação que contribui para utilização do trabalho eficaz da classe baixa (trabalhadora) pela industrial (negócios) e tornam este fato socialmente aceito. “*Las tareas en que encuentran ejercicio las aptitudes depredadoras sirven como demostración de riqueza, linaje y ausencia de contacto con el proceso industrial. La supervivencia de rasgos depredadores en la cultura de la clase ociosa se ve fomentada, en forma negativa, por la exención de tareas industriales de que goza esa clase y, de modo positivo, por la sanción de los cánones de decoro propios de ella*” (VEBLEN, 1899 [2000], p.355-356).

commercial (business) traffic; and the lower class gets what it has by workmanship. It is a gradation of {a) predation, (J) business, (c) industry (VEBLEN, 1914, p. 184).

¹⁴ Nesse aspecto, Veblen chama a atenção para a necessidade de isentar as crianças do emprego industrial e impor maior tempo de educação para que possa atender a utilidade econômica e se preparar para o trabalho eficaz (Veblen, 1914, p.309). não se pode deixar de enfatizar que ele coloca a necessidade de adequar também a infra-estrutura (telefonia, estradas, portos, etc), pois, com o avanço o tempo se tornou menor gerando descontentamentos.

O trabalho assalariado, enquanto remuneração do conhecimento e esforço produtivo dos trabalhadores e aceito socialmente consolida a institucionalização do dinheiro tanto como unidade de medida do sucesso das atividades empresariais quanto da categoria de trabalho desempenhado.

Veblen salienta que os avanços tecnológicos (os meios materiais de vida) são importantes, contudo eles por si só não determinam o grau de avanço social. A distribuição e o consumo de bens que se obtém empregando a eficiência tecnológica da comunidade ocorrem sob certas regras institucionais, que incluem uso e hábitos, lei e costumes (Veblen, 1908, [2000b], p. 129).

É interessante que, com Veblen, o gerenciamento competitivo da indústria é incompatível com a prosperidade contínua, a partir do momento em que a tecnologia alcance o máximo de eficiência. Essa limitação ocorre devido a uma dualidade: ao mesmo tempo em que o trabalho eficaz é o principal motor da prosperidade, a lucratividade está no aumento da produtividade, ou seja, na utilização de tecnologias poupadoras de trabalho eficaz.

A eficiência está na habilidade que os capitalistas empregadores (que podem coincidir com o magnata pecuniário) – por força da propriedade do equipamento material - possuem em transacionar no mercado e induzir o trabalhador, através de negociações adequadas a devolver a esse proprietário um excesso de produto, ou seja, a propiciar lucros. *“la fortuna del capitalista empleador depende estrechamente del comportamiento del mercado, de las conyunturas de compras y ventas ventajosas; y de aqui, su constante esfuerzo por crear o ganar, para si mismo, algún grado particular de ventaja en el mercado – em forma de monopolio, good will, privilegio legalizado y similares – algo parecido a los activos intangibles”* (1908, [2000b], p. 144).

Concomitantemente ao avanço do capitalismo industrial, a classe ociosa também muda sua visão de mundo e seus hábitos. O medo de perder seu poder faz com que entrem num novo jogo de *status*. Uma parte da classe ociosa, a que tem relação com a indústria, na forma de direção pecuniária, até se orgulha do seu crescimento devido a emulação. Outra parte está ligada ao progresso não valorativo da eficiência industrial, como os clubes comerciais e organizações. O restante dedica-se a objetivos diferentes dos valorativos com obras de caridade, melhoria social e industrial (Veblen, 2000, p.357-358). Com relação a esse ultimo, ele afirma:

“Tales son, por ejemplo, la agitación en pro de la abstención de bebidas alcohólicas de la reforma carcelaria, de la extensión de la educación, de la supresión del vicio y de la evitación de la guerra mediante el arbitraje, el desarme y otros, las fundaciones pecuniarias de establecimientos semipúblicos de caridad, educación o diversión...muchas obras inspiradas ostensiblemente por un espíritu altruista y desinteresado se inician y se llevan a cabo, primordialmente, con vistas a realzar la reputación, y aun la ganancia pecuniaria, de sus promotores (VEBLEN, 1899 [2000], p.358-359).

Veblen condena a visão dominante do empresário empreendedor como o motor do progresso, para isso, mostra que o sistema de negócios (fruto de um processo seletivo de empresas participantes do ambiente competitivo) tem como característica um ciclo econômico-especulativo e desperdiçador, em que o sistema de negócios significa a disseminação de hábitos como a sabotagem, existência do empresário absenteísta (dissociado da produção), a existencia de fusões e falências, em que alguns setores e empresários, no processo de competição perdem o *status*.

Para ele, apesar dos interesses coletivos se concentrarem na eficiência industrial, o interesse imediato do indivíduo no regime emulativo predomina e é atingido por um comércio arguto e um trato inescrupuloso. No regime de emulação, os indivíduos de uma comunidade são rivais e cada um será superior ao outro à medida que, sem escrúpulos, ele ultrapasse e prejudique o outro quando lhe convier, conforme comentam Cardoso e Lima (2006).

Para concluir, salienta-se que Veblen aponta os efeitos negativos da industrialização, tais como, concentração, competição exarcebada, aumento das desigualdades, entre outros, ou seja, efeitos diversos daqueles propugnados pelos que defendiam a livre iniciativa, a liberdade do comércio. Além disso, com o avanço da modernidade, ele sinaliza que o ócio é substituído pelo consumo ostentatório como expressão do status quando comenta que existe uma preocupação incessante em demonstrar a capacidade de pagamento.

5 CONCLUSÃO

A obra de Veblen não se resume à história da sociedade humana, enquanto hábitos e costumes e instintos, que culmina no surgimento do capitalismo. A sua preocupação maior é fornecer elementos teóricos, radicalmente opostos aos neoclássicos, que permitam entender a evolução social. Essa evolução, por sua vez, não é analisada sempre no sentido do desenvolvimento podendo ocorrer também o subdesenvolvimento. As concepções de hábitos de pensamento, costumes, instituições, esquema de vida e poderes são referenciais para a interpretação para as diferenças existentes entre os países e entre as classes sociais.

O papel da classe ociosa não se resume somente à emulação, ao ócio conspícuo ou consumo conspícuo, ela tem influência enorme no ritmo de desenvolvimento industrial, na medida em que ela pode dificultar ou facilitar o processo de industrialização.

Os níveis de progresso dos países, portanto, as estruturas de mercado são fruto dessa evolução e das ações e escolhas humanas, as quais estão imersas nas relações sociais estabelecidas entre os homens. O poder determinado por essas relações, por sua vez, influenciam diretamente o comportamento dos indivíduos, a estrutura de classes, o acesso a educação, consumo, moda, entre outros.

A tecnologia é central na análise vebleniana e, por ser um produto das relações sociais decorrentes dos hábitos, costumes e instintos, assume diversas formas e funções conforme o estágio de desenvolvimento social.

Nesse sentido, a evolução contém anacronismos que, segundo os institucionalistas seguidores de Veblen, se assemelham ao *absurdity*, quer dizer, a uma trajetória não determinada “a priori”, e fruto das escolhas diferenciadas, de adaptações que decorrem da interpretação da vida que os homens possuem, ao longo de sua história.

O ambiente institucional, com suas instituições específicas, delinea determinada evolução tecnológica e o conseqüente desenvolvimento econômico. A tecnologia, portanto, é analisada como aplicação de conhecimentos acumulados, fruto do ambiente institucional. A tecnologia resulta e influi o sistema de hábitos de pensamento comuns a uma determinada sociedade. A tecnologia é decorrente do acúmulo de conhecimento que resulta das instituições.

As inovações tecnológicas se consolidam de acordo com os benefícios pecuniários para determinadas classes e não devido a sua produtividade ou ao desenvolvimento econômico local. Se ela abalar a posição dos indivíduos que possuem o poder ela pode ser adiada ou não ser introduzida. Assim, determinada localidade (região ou país), devido ao conjunto de hábitos de pensamento pode ficar estagnada ou aderir a avanços tecnológicos parciais.

A mensagem principal de Thorstein Veblen é alertar sobre os perigos do determinismo histórico, teleológicos, particularmente em um ambiente em que há grandes desequilíbrios sociais e econômicos.

ABSTRACT

This article aims to understand the development and the role of the entrepreneur in both social and technological change according to the old institutionalism. The reference is the Veblen's interpretation about institutions, institutional change and the role of industry and the entrepreneur. We conclude that the main message of Veblen is the critique of the historical determinism, that is, the assumption that the social and economic advancement are due to increase the investment in technological capital. It is worth noting that the greater emphasis of Veblen is that the constituent powers can facilitate or hinder the development, it depends the level of threat to their social status.

Keywords: Old Institutionalism, Veblen, Development, Technology.

REFERÊNCIAS

CAVALIERI, Marco A.R. – **O surgimento do institucionalismo norte-americano**: um ensaio sobre o pensamento e o tempo de Thorstein Veblen, Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Economia, CEDEPLAR/UFMG, 2009.

CAVALIERI, Marco A. R. – Um lugar, um tempo e um sistema de economia: ensaio interpretativo sobre o surgimento do institucionalismo norte-americano de thorstein veblen, **Texto para discussão**, n. 349, UFMG/CEDEPLAR, março de 2009.

CONCEIÇÃO, Octávio A. C. A relação entre processo de crescimento econômico, mudança e instituições na abordagem institucionalista. **Revista Ensaios (FEE)**, Porto Alegre, v. 23, p. 603-620, 2002.

DUGGER, William M. – Radical Institutionalism: basic concepts. In DUGGER, William M and SHERMAN, Howard J. (ed.) – **Evolutionary theory in the social sciences**, vol.4, p.123-145, 2003.

HODGSON Geoffrey M. El enfoque de la economia institucional. In **Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales**, vol. XLIV, n.181, p.15-62, enero-abril, 2001.

VEBLEN, T – Why is economics not na evolutionary science?. In **Cambridge Journal of Economics**, v.22, p. 403-414, 1998,

VEBLEN, Thorstein – **The instinct of workmanship and the state of the industrial arts**. Mcmillan Company, reimp. 1948 (1. Ed.1914).

VEBLEN, Thorstein B – As limitações da utilidade marginal. Fonte. **Journal of political economy**, v.17, n.9, novembro de 1909, pp. 620-636.

VEBLEN, Thorstein B – Sobre la naturaleza del capital (parte 1). In **Revista de Economia Institucional**, publicado original 1908, 1 semestre de 2000a.

VEBLEN, Thorstein B – Sobre la naturaleza del capital (parte 2). In **Revista de Economia Institucional**, publicado original 1908, 1 semestre de 2000b.

VEBLEN, Thorstein B- **Teoria de la classe ociosa**, ediciones elaleph.com, Primeira impressão em 1899, reimp. de 2000.

CARDOSO, Fernanda e LIMA, Gilberto T – Diagnosticando patologias monetárias: seus impactos sobre a atividade produtiva na visão de Keynes e Veblen. In **Estudos Economicos**, v.36, n.2, p. abril-junho de 2006.

